

# Prefácio

Já se passou meio século desde que os pilares da musicologia na América, Robert Stevenson, Francisco Curt Lange e Samuel Claro, começaram a chamar a atenção dos musicólogos e historiadores para a existência de acervos musicais nos continentes descobertos por Colombo e para a necessidade de estudo do passado musical da região. A situação, no entanto, evoluiu consideravelmente. A partir de um intenso trabalho de seus discípulos e seguidores, foi possível não somente continuar a pesquisa por eles iniciada, mas também localizar vários novos acervos musicais americanos referentes ao período colonial. Um avanço significativo foi obtido na organização dos acervos musicais, especialmente na elaboração dos inventários e na publicação de catálogos dos documentos arquivados. Numerosos manuscritos receberam um tratamento adequado para sua melhor proteção e preservação, com vista às futuras gerações. A partir de um amplo e sistemático estudo da documentação salva na América e na Europa, foi possível esclarecer vários aspectos da história da música no Mundo Novo durante a fase colonial.

Os músicos, sobretudo na América, mas também em outros continentes, uniram-se a este esforço e incluíram o repertório do Renascimento e Barroco americano em seus programas de concerto e de ensino referentes à música antiga. Hoje, o Renascimento e o Barroco do México, Peru, Bolívia, Brasil e outros países americanos ressoam nas salas de concerto e nas igrejas dos mais distantes lugares, como Austrália, Hong Kong, Tóquio, África do Sul, Rússia, Polônia e outros. Os selos discográficos mais prestigiados abriram seus estúdios – com certa dose de encanto e preferência – para a gravação e

divulgação desse repertório. Surgiram conjuntos musicais na América e Europa especializados na interpretação da música antiga americana.

Um importante marco brasileiro nesse processo, em fins da década de 1960, foi a idealização do Museu da Música, pelo arcebispo de Mariana, D. Oscar de Oliveira, instituição destinada a reunir antigos manuscritos musicais mineiros. Com isso, a música de catedrais, paróquias, salões e coleções privadas encontrou um espaço privilegiado para sua preservação, catalogação, estudo e divulgação, gerando um movimento que resultou na preservação de dezenas de outros acervos musicais em todo o país. Três décadas mais tarde surgiu uma geração de musicólogos brasileiros que estabeleceu uma importante escola de musicologia, que obteve reconhecimento e prestígio mundial. Surpreendentes foram os resultados desse processo. A volumosa documentação musical brasileira dos séculos passados começou a ser representada em livros de história da música, concertos nacionais e internacionais, projetos editoriais e discográficos, programas de rádio, televisão e outros.

Depois de publicar e possibilitar a gravação de nove volumes de partituras e CDs, com 51 composições brasileiras dos séculos XVIII e XIX, através do projeto Acervo da Música Brasileira / Restauração e Difusão de Partituras (Fundação Cultural e Educacional da Arquidiocese de Mariana, Petrobras, Santa Rosa Bureau Cultural, 2001-2003), com base na documentação musical do Museu da Música de Mariana, Paulo Castagna e seus colegas apresentam um novo e importante projeto editorial, agora intitulado Patrimônio Arquivístico-Musical

Mineiro. A edição dos três primeiros volumes desta série, que inclui música religiosa e profana de Minas Gerais, deverá figurar entre os grandes frutos da musicologia não só brasileira, mas também internacional. O primeiro e o segundo volumes contêm, respectivamente, obras sacras de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1746?-1805) e Jerônimo de Sousa (fl.1721-1826), enquanto o terceiro apresenta composições orquestrais de Francisco Valle (1869-1906), um romântico que escreveu canções, sonatas e outras peças para piano, poemas sinfônicos e peças orquestrais, ao menos uma delas inspirada em motivos populares brasileiros.

O presente volume inclui quatro composições atribuídas a Jerônimo de Sousa, mas diante da profusão de músicos homônimos atuando em Vila Rica nos séculos XVIII e XIX, não há certeza se foram escritas por um mesmo compositor ou por autores distintos. Seja como for, as obras, todas elas sacras, foram compostas para a formação característica da época: quatro vozes (SATB), violino I e II, viola, baixo, e flautas I e II, com ou sem trompas I e II. As obras são *Salve Regina* (Antífona de Nossa Senhora, PAMM 10), *Vide Domine, quoniam tribulor* (Antífona para o Setenário das Dores, PAMM 11), uma de suas *Ladainhas de Nossa Senhora* (PAMM 12) e as *Matinas de Santo Antônio* (PAMM 13), que ocupam o maior espaço do volume.

Os pesquisadores Aluizio José Viegas, Carlos Alberto Figueiredo, Marcelo Campos Hazan e Paulo Castagna mostraram-se sensíveis tanto aos aspectos editoriais das obras quanto ao seu propósito e mensagem religiosa. Concisas, porém claras explicações sobre o contexto litúrgico do qual provêm estas composições aumentam o valor do trabalho e asseguram a adequada observação dos aspectos cerimoniais do repertório. Os investigadores preocuparam-se também em comentar questões estilísticas das obras, contribuindo assim para sua melhor compreensão e interpretação.

A música composta na América nos séculos passados não perdeu sua beleza, nem sua mensagem, nem tampouco seu poder de converter, de elevar os pensamentos a Deus e de transformar os sentimentos do homem. A arte musical, em particular a música sacra, fala hoje com a mesma força e sedução de outrora. O homem do século XXI, no Brasil e em qualquer outra parte, pode encontrar nela a história sacra de sua nação, assim como a motivação para construir um mundo mais justo, de paz, de tolerância e de amor. Felicitando os investigadores, as instituições e as pessoas envolvidas neste projeto, nosso desejo é que as composições aqui oferecidas pelos musicólogos encontrem seu destino em apresentações musicais e no culto divino da Igreja, no Brasil e em todo o mundo.

*Piotr Nawrot*

WT Adam Mickiewicz University (Poznań, Polônia)